Parte 3 - Formação docente em foco

3 - Memórias da formação: aprendendo a conhecer e a ser aquela que ensina e aprende

Isaura Teresinha Silva Barbieri

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARBIERI, I.T.S. Memórias da formação: aprendendo a conhecer e a ser aquela que ensina e aprende. In: RODRIGUES, M.B.C., ROCHA, F.M., and MASSENA, J.H., orgs. *Pesquisas e proposições pedagógico-curriculares na escolarização inicial da educação básica* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, pp. 311-320. ISBN 978-85-386-0472-3. Available from: doi: [10.7475/9788538604723.0015](https://doi.org/10.7475/9788538604723.0015). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/3vrq5/epub/rodrigues-9788538604723.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Memórias da formação:

*aprendendo a conhecer e a ser
aquela que ensina e aprende*

Isaura Teresinha Silva Barbieri

PRIMEIRAS PALAVRAS

Tendo realizado investigação e análise da realidade escolar no primeiro semestre do ano de 2013, ao (re)pensar meu próprio fazer pedagógico, enquanto trabalhadora em Educação, assumo-me como sujeito crítico que, comprometido com estratégias reflexivas e práticas educativas concebidas, na maioria das vezes, sob uma perspectiva política, defende uma prática pedagógica emancipadora e transformadora. Nesse sentido, a escrita de si, assumida como modo de pesquisa, configura-se como gênero discursivo privilegiado para nós, educadores. A partir dela, podemos escrever nossas histórias, comunicando saberes e conhecimentos. Nesse processo formativo e reflexivo que cada pessoa faz de si mesma, nesse relato que envolve apropriação de seu próprio patrimônio existencial, poderá ocorrer a compreensão do processo de formação pessoal e profissional.

O Memorial Formativo é uma narrativa reflexiva, uma possibilidade interessante e estimulante à análise sobre a escola e seus contextos de aprendizagens. Instrumento importante para a reflexão sobre como

nos tornamos o que somos, ou seja, do porquê e do modo pelo qual nos tornamos educadores e, para além, o Memorial de Formação se traduz como um texto sobre esses acontecimentos, não apenas uma narrativa deles. Nesse sentido, posso dizer que o exercício dessa escrita autobiográfica é uma tarefa que, além de implicar o registro da própria trajetória, faz com que cada autor reflita a respeito do que viveu (o que nem sempre é prazeroso e habitual), mobilizando conhecimentos, saberes, crenças, emoções e o estabelecimento de relações não necessariamente percebidas até então.

Essa perspectiva pressupõe um sujeito protagonista de seu percurso de formação e dos diálogos que se estabelecem em sua atuação profissional. Compreendendo que a vida não pode ser separada do modo pelo qual podemos capturar a nós mesmos, lembro Benjamin (1994), pois, ao narrar histórias, efetivamente, estarei configurando a construção da minha identidade. E assim, permanente e sucessivamente, (re)inventando-me.

O Memorial Formativo, devido à sua natureza reflexiva, segundo Josso (apud Buogo; Castro, 2012), torna visíveis diferentes aprendizagens tanto na dimensão individual quanto na coletiva. É uma escrita que não se esgota em si mesma, transcende fronteiras e se apropria da compreensão retrospectiva que cada pessoa faz de si, num exercício de produção de memórias que provoque cada professor em formação a re(vi)ver seu percurso. Re(vi)ver a trajetória escolar e refletir sobre o desenvolvimento profissional, porque somos profissionais na e da escola ou outros espaços de formação, permite que aquele que escreve reconheça o seu “saber que sabe” a partir da percepção crítica de suas possibilidades, limites, implicações e compromissos.

Esse reconhecimento acontece na religação desses saberes, na compreensão desses mesmos processos formativos, os quais foram potencializados no conhecimento de si e do outro, da sua própria vida e do

seu trabalho. O sujeito, pois, efetiva essa escrita no registro dessas lembranças e reminiscências de ontem com a possibilidade de significação de hoje, (re)inaugura um novo sentido dessa trajetória na concretude e experimentação, enquanto aprendente e educador.

UM SUJEITO CONSTITUÍDO: CAMINHOS PERCORRIDOS

A relação intrínseca entre o passado e o presente, através da compreensão das vivências e das representações que foram constituídas entre os sujeitos, é que deu subsídios para as escolhas didáticas e metodológicas dos educadores e para o seu posicionamento frente à realidade e à diversidade dos alunos. Como assinala Soares (1991), esse encontro é sempre do pensamento atual, recuperando o passado, pois o presente projeta-se sobre o passado. Dessa forma, é necessário considerar que a identidade docente é constituída pela totalidade das experiências do educador, assim como por aquelas marcas deixadas pelos nossos professores que, nem sempre prazerosas, também nos influenciaram para mais ou para menos nessa jornada.

Fomos alunas e sabemos que, se imobilizados com atividades repetitivas e monótonas, os alunos se cansam e se desmotivam na ação de aprender. É necessário estímulo e motivação para o percurso educacional. Como educadores, percebemos que, muito embora tenham mudado o perfil e a identidade dos alunos, a principal função da educação ainda é a da acolhida do outro, porque cuidar da condição humana é primordial na nossa profissão! Efetivamente, a escola produz identidades, ao produzir subjetividades, que se repetem, se reproduzem, mesmo diferentes, contribuindo para a construção da identidade dos sujeitos, na medida em que considera a heterogeneidade deles, sem menosprezar suas diferenças.

Através da rememoração da minha história, busquei uma metodologia que abrangesse aspectos cognitivos e afetivos envolvidos nessa pesquisa-formação, no conhecimento de si, do outro e do mundo. Nesse

sentido, a minha história de vida, em grande parte, foi aquela das minhas aprendizagens e da relação biográfica com o saber e o aprender (Buogo; Castro, 2012).

CAMINHOS SENDO PERCORRIDOS, SABERES SENDOS CONSTRUÍDOS

Como o indivíduo, histórica e ontologicamente, não é um ser para adaptações, e sim, indiscutivelmente, de transformações, o resgate das minhas memórias do vivido poderá proporcionar a reflexão crítica sobre o processo de compreensão iluminado por autores que tratam da complexidade da condição humana e de suas implicações na docência, na capacidade humana de sentir o outro, a si mesmo e ao meio, nas múltiplas relações e inter-relações da realidade da comunidade educativa.

Por ser um indivíduo, portanto um ser social, na rica totalidade de determinações e relações entre os envolvidos neste processo de aprendizagens, é que venho pensar minha atual posição no sistema educativo. Nessa ação-reflexão, é que dou sentido à minha vida. Ao registrar esse exercício, indo além das questões que os educandos colocam, sujeitos históricos de seu tempo, venho buscar intimidade na prática da minha sala de aula, na construção desse processo coletivo de aprendizagens, no qual “todos aprendemos juntos”.

Embasada no princípio de que minha ação pedagógica deva vir carregada de intencionalidades, numa análise da complexidade da condição humana e suas implicações na docência, fui capaz de capturar emoções, sentimentos e significações dessas experiências vivenciadas, significadas e ressignificadas na contextualidade presente. Trilhando esse caminho da não homogeneização na produção histórica das identidades humanas, encontrei-me numa (re)leitura inquietante, não assegurada, desassossegada, vinculada a um viés libertário e emancipador (a plena essência da educação) que urge na educação do presente. Mesmo porque, nessa (re)leitura inquietante, não só me ocupo

com o aqui e o agora, mas, principalmente, com a convivência de grupo no reconhecimento e entendimento do outro, na transformação daquilo que somos e queremos ser.

Mais uma vez, creio e reafirmo que é na resolução de conflitos, na realidade diária da escola, que se pode intermediar negociações no grupo, a troca de experiências e a valorização dos modos de ser, fazer e viver a cultura das crianças, efetivamente no reconhecimento de seus saberes. Para tanto, há de se educar com o coração, no acolhimento, para a inteireza do ser, interrogando-se sobre o planeta Terra, o homem e o próprio conhecimento, viabilizando o estabelecimento da lucidez e das incertezas. Ou seja, numa humanização do atendimento, posto que signifique lutar por mudanças de atitudes e de culturas, nas quais se fortaleçam ideais humanísticos coletivos e institucionais, através da ética e da cidadania como forma de valorização da vida – bem maior da nossa existência. Efetivamente, num trabalho diário de construção de um mundo melhor, mais fraterno, justo, saudável, feliz e, sobretudo, mais pleno do humano. Nessa prática, pode-se rejeitar a violência ativa em todas as suas formas (físicas, sociais, sexual, psicológica, econômica) contra os mais vulneráveis e menos favorecidos, como nossas crianças e adolescentes, no âmbito escolar e fora dele. No campo educativo, essa postura ressignifica o espaço escolar, exigindo a construção de diferentes redes de apoio, com processos inclusivos e integração de estratégias associadas à intervenção precoce por meio de *ações e metas* que deem visibilidade aos conflitos, possibilitando sua identificação, através da leitura de informações do contexto. Então, faz-se necessário que, para a transformação de uma cultura de violência em uma cultura de convivência, mudemos nossa maneira de pensar, contrapondo-nos a uma cultura de indiferença, desvalorização, individualismo e preconceito exacerbado.

Assim, meu compromisso social, como educadora, assenta-se em vínculos afetivos entre os sujeitos educativos, na possibilidade de uma aprendizagem significativa, no prazer da cooperação, do compartilhamento,

da solidariedade, de crianças e jovens felizes e de adultos dignos de confiança deles, nos outros e em si mesmos.

(IN) EXCLUSÕES

Esta escrita autobiográfica, como dispositivo de formação, revelou meu momento de sujeito, enquanto “objeto da pesquisa”, ao narrar minha evolução, configurando uma forma de história autorreferente, portanto, plena de significados, em que me vejo e me desvelo, tanto para mim mesma quanto para os demais. Por isso mesmo, foi a memória, elemento-chave deste trabalho de pesquisa autonarrativa, ressignificada ao longo do processo reflexivo e de interiorização. Na maior parte das vezes, lembrando e não revivendo, mas refazendo, reconstruindo, repensando, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

Concordo com Morin (2003) quando assinala que o conhecimento humano não é nato, mas se configura como construção do sujeito, através da ação sobre o objeto, numa interação perceptiva ou reflexiva sobre este. Portanto, cheia de saberes perdidos no espaço-tempo, que o sujeito, com paciência histórica, tenta contextualizá-los para adquirirem uma dimensão auto-organizante, reparativa, educativa e evolutiva da singularidade humana na sua diversidade e complexidade.

São esses mesmos indivíduos que, através de seus traços biológicos, psicológicos, intelectuais, culturais e sociais, carregam suas particularidades, singularidades e subjetividades nos modos de “viver” e “enxergar” o mundo em que habitam e convivem. Na complexa realidade cotidiana escolar atual, ainda há de se pensar no compromisso social da educação, que inspire iniciativas de exercícios e práticas significativas para a efetiva transformação que se quer ver no mundo, de tal modo a tornar possível uma cultura colaborativa. Nesse caminho de me (re)descobrir na solidariedade da condição humana, no fortalecimento das relações de confiança, é que se torna imprescindível essa mudança, a qual já posso perceber na convivialidade com meus alunos

em sala de aula. Com essa prática cotidiana, vislumbro essa metamorfose através de pequenos hábitos, como uma atitude, uma palavra, na demonstração das próprias aprendizagens escolares, nesse lugar de conscientização e compreensão do outro.

A educadora, para além de seus aportes teórico-práticos, necessita estar ciente de sua responsabilidade (social, ética, afetiva, cognitiva e política) na humanização de suas crianças e seus adolescentes, priorizando a formação de cidadãos críticos e engajados no contexto da atualidade. Trata-se de se perceber e ao mundo real e de reconhecer as potencialidades e possibilidades de mudança dessa mesma realidade. Efetivamente, trata-se de formar alunos no seu desenvolvimento permanente, atuante, observador e crítico do mundo à sua volta.

Durante minha formação, os conhecimentos adquiridos na trajetória estudantil foram ressignificados e sofreram adaptações, tal qual os dos meus alunos irão se transformar. Assim, direi que a identidade estudantil, em qualquer faixa etária, funciona como num ciclo: uma vez exposta, faz com que façamos novas escolhas, acomodando, em constante processo de identificação, construindo e (re)construindo nossas ações e práticas educativas. Esta não é automática, exige uma posição pessoal, politizada, ativa, coletiva, subjetiva, instável, objetiva, institucional, estrutural e social: uma identificação. Essa vivência acontece através de escolhas de cada um, de suas práticas, interações e intervenções, efetivamente, de suas ações.

A identidade docente também é coletiva, sendo constituída nos diferentes espaços de atuação deste profissional, num exercício de troca, partilha, conquistas, dúvidas, ansiedades, sonhos, ideais, crenças, valores e aprendizagens pessoais. Nesse estudo, pude aperceber-me de que as imagens e representações que construímos em nossas vivências anteriores irão influenciar as nossas escolhas metodológicas, a nossa postura frente

ao alunado, aos docentes e à comunidade escolar, nas relações interpessoais – o que poderá ser mudado, de acordo com o público que atendemos.

Este processo de reflexão sobre o saber prévio e o saber adquirido em cada aula deve se dar no contexto diário da formação de um professor. Assim, a prática reflexiva é um exercício necessário para que haja sempre o amadurecimento do profissional. O educador necessita ter consciência do que faz, para quem faz, por que faz seus planejamentos, confrontando a situação passada com a atual e, assim, aperfeiçoando o seu fazer pedagógico.

Nesse sentido, refletir sobre a ação é aperfeiçoar a prática, reorganizando a ação de acordo com os saberes e as necessidades do alunado, pois, ao refletir sobre minha ação pedagógica, estarei atuando como uma pesquisadora da própria sala de aula. Dessa forma, deixo de seguir cegamente as prescrições impostas pela gestão escolar e pelo sistema de ensino, ou pelos esquemas preestabelecidos nos livros didáticos, não dependendo de regras, técnicas, guia de estratégias e receitas decorrentes de uma teoria proposta/imposta de fora, tornando-me uma produtora de conhecimento, profissional e pedagógico, juntamente com meus alunos. Uma educadora que, ao ensinar, também aprende.

Nessa prática reflexiva, o intuito é tornar a professora produtora de seu próprio fazer e saber pedagógico, estabelecendo suas próprias prioridades e formas de ação docente, sem ficar atrelada aos paradigmas tradicionais da educação, às imposições externas ou a representações negativas.

CONCLUSÕES POSSÍVEIS

Com a certeza de que não há como findar o estudo sobre assuntos complexos como este em apenas um artigo desta proporção, ansiei por circunscrevê-lo na problematização desta temática. Assim, ao elaborar este trabalho, percebi que o processo de identificação com a profissionalização ocorreu desde o princípio da escolaridade, estendendo-se até os dias

atuais da prática docente, diariamente, significando determinados saberes e constituindo outros. Nesse processo, a influência da didática pedagógica de cada professor(a) e, concomitantemente, a aprendizagem de seus alunos configuram, novamente, um processo cíclico, mediado pelas suas próprias representações e vivências de seus alunos. Assim, nossa identidade tem relação com nossas vivências, e dessa forma, enquanto professora, fui norteada pelas imagens que construí desde a idade escolar, perpassando a formação inicial, estendendo-se até a minha prática docente cotidiana.

Diante dessa perspectiva, as principais representações que foram registradas pelas nossas professoras são inerentes à nossa atuação profissional, seja de forma implícita ou explícita, as quais percebemos quando refletimos sobre nosso fazer pedagógico, fazendo um elo com o que vivenciamos – enquanto alunas da educação básica – e o vivido na atualidade.

Ser professora, hoje, faz-me pensar em que docente fui constituída e, ao refletir sobre esta prática, ao lembrar o ontem, enquanto aluna, faz com que eu valorize ainda mais o papel da professora. Daquela que ensina, mas que também aprende com as experiências dos alunos: que sabe escutá-los, que identifica no olhar e, com um gesto de carinho e na aproximação, consegue confortá-los, fazer com que desabafem, nem sempre em palavras, mas com outro olhar, aquilo que sentem e o que precisam. Percebo-me, ao refletir sobre meu fazer pedagógico, uma pessoa mais atenciosa e afetiva com os alunos, conhecendo e conseguindo identificar cada aluno que compõe a instituição, suas dificuldades, seus comportamentos, sabendo da importância que têm o olhar e a escuta da professora. Com isso, esta pesquisa proporcionou um olhar mais aprofundado de meu passado, enquanto aluna, fator que me possibilitou a percepção das representações que construíram minha identidade docente, as problematizações e discussões acerca de

minha vivência educacional, a troca de experiências, mais uma vez, do passado se fazendo presente nos dias de hoje.

Contar, compor e escrever minha história e trajetória, formatar, colorir e textualizar as lembranças destas experiências estudantis, profissionais e acadêmicas, como exercício estético e reflexivo indispensável exigido num Memorial de Formação, rememorando o vivido e refletindo a compreensão do vivenciado, sobretudo, na reinvenção da educação do presente: do aqui e do agora. Essas são as verdadeiras possibilidades deste trabalho, que envolveu reviver meus itinerários de professora, construí-los e reconstruí-los com as marcas do presente, a partir dessa relação entre passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BUOGO, M.; CASTRO, G. Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 431-449, maio/ago. 2012.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOARES, M. *Metamemórias, memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991.